

## Sobre “a partir de”, “partir a loiça” e outras palavras com que nomeamos o que fazemos

Magda Costa Carvalho<sup>117</sup>

Walter Omar Kohan<sup>118</sup>

*Que movimentos podem nascer quando deixamos que as palavras de outros nos empurrem no pensamento? E que andamentos podemos alimentar se errarmos nos caminhos e descaminhos abertos?*

O Errante Livro da Desfilosofia

Aquilo que acontece nas teias de uma escrita conjunta estará sempre para lá do que se possa explicar. O mais curioso é que, mesmo com essa certeza, não parecemos dispostos a desistir. O mesmo acontece com a discussão em torno das palavras que podem conectar a filosofia e a infância. Tão depressa surge uma oportunidade, corremos atrás dos fios que nos puxam e arrastam para esses espaços-entre em que (nos) escrevemos no meio. Escrevemos, pensamos palavras, retomamos ideias que constroem a própria voz que as diz. Numa escrita conjunta não há sujeito prévio de enunciação. Ninguém para quem nos viremos a pedir orientação, nenhum carácter ficcional que decida de antemão os ritmos do pensamento e da escrita. Talvez uma das coisas que nos continue a cativar seja a imprevisibilidade com que essas escritas se fazem grafismos. Este texto nasceu de um desses imprevistos.

Não sabemos bem o momento em que tudo começou a acontecer. Bem pode ter sido num dia comum.

---

117 NICA – Universidade dos Açores / Instituto de Filosofia da Universidade do Porto; Projeto de Investigação “Filosofia para Crianças e a Aurora da Intuição Moral: Valores e Razões na Racionalidade e Razoabilidade” (PTDC/FER-FIL/29906/2017), da Fundação para a Ciência e a Tecnologia, magda.ep.teixeira@uac.pt

118 Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), Pesquisador do CNPq e FAPERJ. Coordenador do Projeto “Filosofia na Infância da vida escolar” (CAPES-PrInt) (Brasil), wokohan@gmail.com

- Olá!
- Oi...
- *Ouvi uma expressão que me fez pensar e queria partilhá-la contigo... vê o que achas.*

A expressão ouvida foi “pensar a partir de Agostinho da Silva”, num curso *on line* em que o Professor Paulo Borges<sup>119</sup>, da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, afirmou que, mais do que explicar o que pensou o filósofo português, era importante pensar *a partir dele*.

- *Voltei a ser aluna deste professor... Por que será que nos encanta tanto a possibilidade de voltarmos a ser alunas e alunos dos nossos professores e professoras?*
- *Estará esse encanto relacionado com a reativação de uma certa condição de aprendentes permanentes que nos mantém com vida? Ou seriam mais interessantes as palavras permanentes ignorantes? permanentes caminhantes? permanentes infantis? Que diferença fará cada uma destas expressões?*

A referência do professor tinha sido rápida, leve, mas certo é que a aluna pegou num papel solto que tinha por ali e escreveu: “pensar a partir de”. Parou a olhar e ficou curiosa... pensar a partir de Agostinho da Silva. Pensar a partir dos autores. Frase dita tantas e tantas vezes. Agora parecia vestida de modo diferente. E, novamente, perguntas se instalaram nas fissuras de uma curiosidade.

- *E se fosse pensar a partir das crianças? Filosofia a partir das crianças?*
- *Soa bonita, sim... vamos pensar nela?*

E o abalo que começara na fala de Paulo Borges, que depois se tornara curiosidade escrita num papel solto, parecia agora um fio livre no vento de outono açoriano e de primavera brasileira. Se olhos houvesse para ver, poderiam ter dito que foi aqui que se avistou pela primeira vez o pensamento conjunto, os primeiros traços de uma escrita-entre. De imediato,

---

119 “Introdução ao Pensamento de Agostinho da Silva”, Academia Agostinho da Silva, coordenação de Paulo Borges.

transmitiu-se uma curiosidade que se prendeu em cada um dos pensantes e quase-escreventes. Uma curiosidade feita encontro de pensamento, uma curiosidade que tinha começado precisamente com um movimento de escrita, naquele papel solto em cima de uma secretária.

Mas se nem toda a escrita (se) quer texto, também é certo que nem todo o texto (se) quer convenção. E este movimento em particular que tomou as curiosidades fez-se o texto que agora se está escrevendo ou, do outro lado do espelho, lendo. Sempre a partir da ideia de pensar “a partir de”.

- Nada aparentemente mais simples: “a partir de” tornou-se uma daquelas ideias que faz o que diz fazer... “a partir de” fez pensar a partir dela mesma. A forma é o conteúdo.
- Tal como tu gostas! Mas... olha para os pés!
- Olho para meus pés?!
- Sim, olha para os teus pés! E para os meus! Consegues ver como já estão alguns milímetros acima do chão? De início era quase impercetível, mas agora já podemos ver distância entre a planta de cada um dos nossos pés e o solo. Uma pequena distância que se insinua como o fio do movimento de pensamento nos faz suspensos do lugar que cada um de nós ocupa...
- A mais de 7000km de distância...
- Vamos ao encontro?

E se fosse esta a conexão buscada entre a filosofia e as crianças? “Pensar a partir das crianças”? Agora que nasce uma escrita (e, desse lado, uma leitura) sobre como tudo aconteceu, procuramos voltar uma e outra vez aos inícios. E sabemos que o diálogo talvez tenha iniciado outros movimentos, suspeitamos que havia mais fios naquele vento de outono no Norte, primavera no Sul: regressar ao problema do nome.

- Regressar ao nome é regressar ao começo.
- Ao modo como a filosofia para crianças sempre recupera essa relação com o começo.
- ... ou ao modo como a filosofia com crianças sempre nos faz pensar e recupera essa relação com o começo.
- Pois, pois... Tu gostas de dizer assim: com crianças.
- Gosta(va)...

Temos conversado muito sobre as preposições que podem unir a filosofia e as crianças. Como não o fazer? A primeira coisa que escrevemos juntos começava mais ou menos assim “A nossa escrita começa com um encontro e, dentro dele, com um desencontro.” (Costa Carvalho; Kohan, 2018). E talvez seja sempre esta a nossa condição, desencontros inevitáveis dentro de um encontro desejado, sobretudo no que se refere à junção entre a filosofia e as crianças.

*– Tu tens dedicado muito tempo a pensar sobre os modos como a linguagem abre certas experiências e o cuidado que as palavras merecem. Achas(-te) mais interessante falar de “filosofia com crianças” (Kohan; Waksman, 2000).*

*– Já você parece cansada das divisões que as etiquetas sempre provocam, sobretudo nas academias, né? Você procura(va) fugir às discussões que servem mais para separar do que para reunir. Preferiu ficar com a inicial “filosofia para crianças”.*

*– E se calhar já nem é assim...*

*– Se calhar não... às tantas... quem dera...*

Neste encontro-desencontro, a questão das preposições parece que não nos abandona. Quando lemos sobre isso, pensamos estarem claros os distintos lados do problema. Mas serão lados? Depois falamos do assunto entre os dois e manifestamos posições. E será, de todo, um problema? Mudamos (de) posições. Encolhemos os ombros e parecemos seguir em frente, ocupados com outros fios. Voltamos e decidimos escrever sobre o tema. Entretanto, pelo meio, rimo-nos muito deste frenesi, percebendo como o assunto tem ocupado um tempo considerável das nossas conversas. E como, às vezes, parece uma discussão bizantina, desfocada, recebendo uma exagerada atenção, em especial uma atenção que poderia ser colocada noutros lugares que requeiriam mais dela. Afinal, algum leitor ou leitora poderá pensar: “porquê tanta importância se *apenas* se trata de palavras?” (o *itálico* é nosso, queridos leitores e queridas leitoras, liberdades abusadas da escrita).

Agora que estamos a contar a história, pensamos que talvez valha a pena escrever sobre um outro dia. Bastante anterior. Na última vez que estivemos juntos nos Açores.

- Parece que já foi há taaaaaanto tempo e trata-se de apenas dois anos...
- Lembro-me quando me surpreendi...
- ... com a entrevista para a revista *Pensar Juntos* (Kohan, 2020). Me perguntavam se eu considerava excessivas tantas designações para nomear o que fazemos: *filosofia para crianças, filosofia com crianças, filosofia com as infâncias...* e então falei daquela ideia: “o importante é entrar no movimento e depois pensar sobre o que se faz”.

O caso é que, por razões que talvez algum dia seja interessante atentar com mais cuidado, voltamos uma e outra vez a elas, às preposições, às palavras que colocamos entre a filosofia e a infância. Ao que está *entre*. E, de alguma forma, agora que contamos a história, isso torna-se mais nítido. Por isso talvez a escrita mereça que perguntemos: por que insistir em buscar palavras que “deem conta” dessa relação? Que artes nos fazem crer que é possível dar conta disso? E por que parece que nenhuma das que encontramos é suficiente? Ou, então, que escassezes se insinuam numa simples justaposição? Filosofia e crianças? Por que não resolve? E por que acontece que, se a busca parece infrutuosa, continuamos à procura, sabendo que talvez nunca encontraremos o que buscamos?

Depois de um outono-primavera, vem sempre uma primavera-verão e um outono-inverno. E a história continua, ainda que o mundo tenha mudado. Veio o confinamento e, nele, um outro momento que vale a pena recordar na escrita.

- No NEFI estamos preparando uma série da Coleção Ensaios chamada “em quarentena” e gostaríamos de ter um volume seu.
- ...?

O livro foi gestando sem nome até que surgiu um título: *filosofia para crianças* e um subtítulo *a (im)possibilidade de lhe chamar outras coisas* (Costa Carvalho, 2020). Novamente a discussão retornava, como se fosse inevitável.

- Esse era o título de um artigo que escrevi há bastante tempo. Nem acredito que é esse título que sugeres para o livro...
- E por que não? Eu acho que é muito bom esse título, melhor do que o que temos escrito sobre o assunto.

- *E talvez voltemos ao início. Outra vez. Mas pomos os parêntesis?*
- *Pomos os parêntesis, claro.*
- *Será que as coisas ficariam mais sossegadas sem os parêntesis?*
- *As curvas suspensórias no (im) podem abrir (ainda mais) os sentidos das palavras. Voto por eles.*
- *E por que estamos a escrever os parêntesis neste diálogo se não os podemos dizer na oralidade?*
- *Imprudências e ousadias da escrita, minha querida...*

Insistimos nos parêntesis curvados que, ao mesmo tempo que pareciam por um ponto final na polémica (trazendo a ideia de que seria impossível chamar outras coisas, e de que não valeria a pena discutir mais o assunto porque não se poderia entender de outro modo), insistiam na instauração resistente da pergunta que abre para o impossível e o possível ao mesmo tempo. Contradição lógica? Provação?... Algum dia entenderemos que, quanto mais queremos fechar uma questão, mais ela fica aberta? O caso é que, querendo ou não, voltávamos a pensar sobre as preposições que enlaçam as filosofias e as crianças e, sobretudo, que nos enlaçam nelas: nas preposições, nas filosofias, nas crianças, na infância.

Mas a escrita é inquieta. Não fica muito tempo no mesmo lugar. Muda os sentidos, insinua parêntesis, troca tesouros por ninharias, substitui palavras. Pensar sobre as preposições que conectam a filosofia e as crianças transmuta-se para um pensar entre a filosofia e a infância ou entre o filosofar e as infâncias. Um verbo e um plural.

Será que antes da preposição teríamos de pensar (outra vez) nos termos que balizam essas palavras? Filosofia(s), filosofar(es), criança(s), infância(s). Mais uma vez aparecem os parênteses, desta vez para marcar as possibilidades abertas pelos diversos.

Parece que esta polémica resistente não se consegue fazer fora da escrita, percebemos. Ou melhor, ganha uma força inquietante na escrita. Não se trata apenas de pensar sobre os nomes que damos às coisas que fazemos. Também não se trata de falarmos um com a outra sobre isso que pensamos. É preciso escrever, precisamente por causa destes pormenores que só a escrita é capaz de mostrar. Parêntesis curvos que instauram uma lógica de contradições compossíveis, filosofias outras. Mas deixemos então a escrita

recuar aos termos que balizam as preposições. Filosofia(s), filosofar(es), criança(s), infância(s).

A Filosofia pode ser muito sedutora. Quando está realmente vaidosa dos seus poderes, escreve-se assim altaneira, com maiúscula inicial. Destaca-se na frase com uma grafia elegante e, nos discursos, mostra uma rápida e segura identificação. Como se não fosse possível enganar-nos. A Filosofia, assim escrita, é o que muitos pensam que nos atravessa. A mesma filosofia já sem a altivez da caixa alta parece que se mistura com signos de diferentes alturas, preferindo andar pequenino. Em plural, então é mais interessante e autêntica, ainda que gere algumas confusões (e talvez por isso mesmo): “filosofias”, marcando-se como atividade que pode ser realizada de muitas formas. Já a transformação permitida pelo infinitivo – filosofar – lança-nos em diferentes precisões (necessidades e rigores) porque se torna, justamente, uma atividade, algo que se faz, em nosso caso, com outras e outros (ou *a partir* delas e deles, claro).

Por sua vez, a palavra “crianças”, pensamos, só poderia estar no plural. Não pensamos numa ideia única de crianças, pois elas sempre pluralizam a vida. Além disso, a palavra em português tem a vantagem de ser limpa de género. E, ainda por cima, tem a ver com “criar”. De modo que é uma palavra *extra-ordinária*.

– *Brincamos agora com hífen também?*

– *Com todos os sinais da escrita se pode brincar... se não se pudesse, valeria a pena escrever?*

Contudo, “infância” talvez tenha ainda mais graça porque, sem deixar de fora as crianças, permite incluir outras idades. *In-fâncias*. Rasga as ansiedades dos cronómetros e dos desenvolvimentos. E, novamente, em plural é ainda mais atraente por acolher a diferença que o singular não inclui. Infâncias, escrevemos então. Balizamos os termos. Sigamos para as mediações.

Insistimos com os conectivos porque, como dizia o velho Aristóteles no início do livro IV da *Física* e em tantos outros lugares, primeiro é bom saber se uma coisa existe e depois o que é essa coisa. Retomemos o fio da história. Será que “a partir de” existe mesmo? Existirão as coisas que

referenciamos com palavras? A pergunta não espanta, tantas vezes que já foi feita... seja na Filosofia, na filosofia, nas filosofias ou nos filosofares. Lemos há uns dias uma frase de outro Walter, Mignolo este. O autor falava sobre diferença colonial e pensamento liminar e, já quase no fim do livro, escrevia o que, de tão óbvio, perturbava por ficar silenciado. Existirá o dentro e o fora? – perguntava Mignolo – O centro e a periferia? “o que realmente existe é a fala de agentes que afirmam ou negam essas oposições...” (Mignolo, 2003, p. 454) Esta foi a frase que ficou a fazer caminhos, enlaçada nos nossos fios: saberemos que “a partir de” existe ou que existe apenas a fala de quem diz “a partir de”? Mais interessante do que perguntar se existe, não será procurar os rastros que este conectivo faz, ou pode fazer, quando alguém o pronuncia?

Fomos às gramáticas para saber o que lá se diz que o “a partir de” pode fazer. Uma delas diz que é uma “locução prepositiva”. E o que seria uma tal coisa? Um conjunto de várias palavras que têm o valor de uma preposição e em que a última delas é sempre uma preposição. No caso de “a partir de”, a primeira e a última palavra são preposições, ou seja, “a partir de” é uma muito bem merecida locução prepositiva porque começa e termina com preposições.

Mas, então, o que são preposições? Classes de palavras invariáveis que ligam dois termos de uma frase, estabelecendo entre eles diversas relações semânticas ou relações de vários sentidos. Novamente o afã por ligar, fazer relações. E aqui temos nada menos que um infinitivo verbal no meio, coisa que muito poucas locuções prepositivas têm... de repente, da multidão fixa de locuções prepositivas que as gramáticas oferecem, a nossa começa a destacar-se: ela é, sem dúvida, uma locução prepositiva muito especial. O fio que engançou a nossa curiosidade com o outono do Norte e a primavera do Sul, afinal, não parece ter sido tomado em vão.

Entremos com a escrita no meio da meada, no entre da nossa locução. O que nos pode fazer pensar este “partir”? Que poderes tem este incomum infinitivo verbal, ele próprio a instaurar uma relação entre duas outras palavras... “a” e “de”? Será uma ligação dentro da ligação? Uma conectora de conectores? Um infinitivo conectivo? Um menino conectivo? Uma menina conexiva? “A partir de” conecta por fora, lançando fios em

diferentes estações do ano-mundo e propondo ligar filosofias e infâncias. Mas também conecta por dentro, convidando ao meio do meio do meio de.

Parece também que alguns gostam de intervir um pouco na nossa locução prepositiva, como se ela se desse a certas liberdades, fio solto ao vento. São os que colocam crase no “a” e dizem “à partir de” ou os que juntam o “a” ao “partir” e escrevem “apartir de”. A gramática, sempre um pouco (pre)(ten)ciosa, diz que essas formas estão erradas e que a única correta é “a partir de”. Decidida e com pouca vocação para errar, a gramática afirma que a nossa locução prepositiva refere-se a um ponto de partida e significa *desde*. Então, “a partir de” demarca um início, mas não necessariamente cronológico, especifica ainda a gramática no seu afã esclarecedor. Pode ser o início de uma contagem, de um ordenamento, medida e/ou posição. Uma posição espacializada fisicamente ou não. Podemos falar com os pés bem colados ao chão, a partir de uma localização geográfica específica – Rio de Janeiro ou Açores –, mas também a partir das ideias de um autor, de uma autora, já com uma considerável distância entre os sapatos e o solo, tal como aconteceu no movimento iniciado pela fala do Prof. Paulo Borges que nos colocou em rodópio outono-primaveril.

De modo que, se escrevermos “filosofia a partir das crianças”, referimos as crianças como ponto de partida da filosofia. Se dissermos “filosofar(es) ou filosofia(s) a partir da(s) infância(s)”, dizemos que são as infâncias o ponto de partida das filosofias (ou do(s) filosofar(es)). Numa e noutras estaremos afirmando que o início é delas, nelas, com elas, por elas.

Estas coisas escritas assim por nós, e partilhadas convosco, parecem fazer muitos sentidos porque indicam as crianças e as infâncias como inícios, pontos de partida. Seria diferente do “para”, que as coloca como ponto de chegada, assim como do “com”, que as reconhece como presentes no exercício, mas não necessariamente relevantes enquanto começo. Assim, o “a partir de” vai se tornando cada vez mais interessante.

- *Mas que caminho é este que iniciamos ou que, mais uma vez, deixamos que começasse entre nós?*
- *Estaremos criando um novo nome para o Mestrado?*
- *Você está brincando?*
- *Só falando a sério...*

Filosofia a partir da(s) infância(s) começa por ser a afirmação de um lugar de fala. Um *locus* de enunciação. Mas quem enuncia? As crianças? A infância? Os adultos que creem saber o que elas pensam? Até que ponto poderá esta locução prepositiva ser impermeável a adult(o)erações?

Seguíamos pensando e, nesta escrita, repensamos ao voltarmos a todos estes inícios. Lembramos também que no português de Portugal se usa a preposição “a” com o infinitivo verbal para indicar um sentido durativo do verbo, o que no Brasil se faz com o gerúndio.

- *Sabes que nos Açores também usamos muito o gerúndio.*
- *Mas você não...*
- *Eu não uso o gerúndio?*
- *Não, você não usa...*
- *Talvez me tenha aporuguesado nos anos que vivi em Lisboa... ou depois disso nalgum esforço por falar perto de uma suposta norma.*

Ou seja, nalgum Portugal (não nos Açores) se diz “a partir” e no Brasil se diria “partindo”. Poderíamos dizer “filosofias partindo de infâncias”: também soaria bonito, não acham? O gerúndio conserva um sentido de duração, dinamismo permanente que o verbo no infinitivo não tem. “filosofia partindo das crianças” ou “filosofia partindo de infâncias” traria a imagem de uma partida que sempre parte, um movimento sempre se fazendo e sempre se iniciando.

Também recordamos que de “partir” se deriva partida e há partidas e partidas.

- *Há as partidas que são rompimentos, aquelas que são despedidas.*
- *E há outras mais divertidas: partidas que são jogos, brincadeiras, como no futebol ou nos jogos de cartas. É assim também no português do Brasil?*
- *É, embora as partidas mais lindas de futebol sejam as peladas. E assim parece que nada faz mais sentido do que partirmos das infâncias porque elas adoram estas partidas.*
- *Estas e outras.*
- *Que outras?*
- *As partidas que se fazem, as que se pregam.*

No Faial, assim como noutras ilhas açorianas, “partir” no sentido de ir embora de um lugar para outro, diz-se “caminhar”. “Quando é que caminhas para os Açores? Amanhã bem cedo.” Não quer dizer que amanhã estarás percorrendo trilhos pedestres e fazendo caminhadas nos Açores, mas que amanhã apanharás um avião e virás para cá. Por-te-ás a caminho. Neste sentido, caminhar enquanto “partir” é verbo transitivo. Mas e com a filosofia e a infância? Que caminho caminha a filosofia a partir das crianças? Para que lugares se dirige? Para alguns lugares sequer? E qual é(são) a(s) forma(s) desse caminhar?

- *Veja: fiz uma pesquisa sobre o verbo “partir” e encontrei vários significados no dicionário: 16 no Aurélio (Ferreira, 2010).*
- *Isso é um tesouro para quem ama muito as palavras.*
- *Tentamos reuni-los nos principais sentidos?*

Alguns dos significados têm a ver com o sentido de dividir em partes, separar, distribuir, marcar um limite: assim, por exemplo, partir um bolo, mas também uma embarcação, partir as ondas ou um rio, partir uma cidade em dois; outros significados dizem respeito a tomar como base, providir, proceder: uma ideia partir de certas razões, mas também de uma reunião de amigos e amigas; e, finalmente, alguns significados relativos ao pôr-se a caminho, seja para enfatizar o principiar, começar nascer, seja para destacar um separar-se, afastar-se implícita na partida; ou, inclusive, o final da viagem (“morrer”)... são muitos significados e em todos eles parecemos ver potencialidades quando contidos no “a partir de”, para indicar uma relação entre filosofia(s) e infância(s). Porque a infância separa, distribui, começa, principia, coloca-se a caminho, viaja, nasce e morre no encontro com a filosofia. E, com a infância, a filosofia também.

- *Espera! Para além desse mundo de significados encontrado no dicionário, o verbo partir ainda nos concede outra contradança: “partir a loiça toda”. Valerá a pena trazê-la para a escrita? Fico com vontade de rir só de pensar nisso.*
- *Rimos e tentamos, então. Rimos tentando ou tentamos rindo.*
- *Então cá vai: “partir a loiça” é uma expressão comum que se usa na gíria quando alguém quebra corajosamente com o que seria expectável, quando tem a ousadia de recusar o que está instalado e desfazer em mil pedaços o que era seguro.*

Como todos os riscos, “partir a loiça toda” vem com a força do imprevisível. E, mais uma vez, tal como as crianças que, sem grandes apegos ao passado (à loiça!), estão dispostas a começar tudo de novo, mas ruidosamente entre estilhaços. Será que é isso que buscamos, então, nesta e noutras escritas em torno do nome que damos às coisas que fazemos? Filosofar como crianças que partem a loiça toda? Partir a loiça toda de um mundo que precisa ser desfeito em mil pedaços e iniciado de novo, como se fosse um novo mundo? Talvez seja essa a força infantil do filosofar.

*– E como não trazer isso para esta escrita?! Foi precisamente essa força que nos acabou de mostrar o povo chileno, partindo a loiça toda de uma constituição autoritária, sexista, antidemocrática e abrindo o processo de uma nova constituição. Um gesto de pura infância que, de facto, foi movido por crianças e jovens insurgentes, desobedientes, e as mais diversas formas de subjetividade infantis.*

Eis um carácter político daquela filosofia que se mistura com outros signos: o seu compromisso com a infância do mundo, pelo menos o de uma filosofia compartilhada, como a entendemos. Escrevemos “compartilhar” e recordamos a palavra que a traduz na língua castelhana: “compartir”. Parece que também o “partir” gosta de serpentear na dança desta escrita e espreitar uma e outra vez. Compartilhar: partir juntos, viajar juntamente, partilhar andares e caminhos, repartir pensamentos em escritas. Seremos puxados pelos mesmos fios em movimento de curiosidade em curiosidade. Filosofares “compartidos” e não “competidos”, uma viagem filosófica e infantil entre todas e todos, grandes e pequenos, mulheres e homens, viagem amorosamente errante entre iguais.

Quem sabe se por isso faça tanto sentido viajar conjunta e infantilmente à busca de coisas pequenas, quase imperceptíveis, como são preposições, os parêntesis, as locuções prepositivas, os hífen, as aspas soltas ao vento, que nos façam sentir em pulgas com as palavras que nos acompanham quando nomeamos o que fazemos. Sabemos de antemão que não encontraremos “a” preposição e mesmo assim continuamos sem deixar de andar e buscar: pensando e vivendo a partir de preposições e de palavras conectivas, de ideias que entremeiam... preposições, palavras compartilhadas,

pilhadas, compartilhadas... partindo a loiça com elas... assim vivendo filosoficamente: a partir a loiça... a partir de infâncias... a partir de partir... a partir de caminhar...? a partir de partidas? a partir de...?

## Referências

- Costa Carvalho, M. (2020), *filosofia para crianças: a (im)possibilidade de lhe chamar outras coisas*. Rio de Janeiro: NEFI Edições.
- Costa Carvalho, M.; Kohan, W. O. (2018), “Da árvore e do rizoma: pensar para além do método o encontro da filosofia com a infância”, *Educação e Filosofia*, 32 (65).
- Ferreira, A. B. H. (2010), *Dicionário da língua portuguesa*. Curitiba: Positivo.
- Kohan, W. O. (2020), La posibilidad de entender el filosofar desde la filosofía con niños (fcn). Entrevista con Jorge Sánchez-Manjavacas Mellado. *Pensar Juntos. Revista Iberoamericana de Filosofía para Niños*, 4, p. 109-126.
- Kohan; W. O; Waksman, V. (2000), *Filosofía con niños*. Buenos Aires: Novedades Educativas.
- Mignolo, W. (2003), *Histórias Locais, Projetos Globais. Colonialidade, saberes subalternos e pensamento limitar*, Belo Horizonte: Editora UFMG.

Maria Gabriela Couto Teves de Azevedo e Castro, a mulher; Prof. <sup>a</sup> Doutora Gabriela Castro, a académica; Maria Gabriela Castro, a autora; Prof. <sup>a</sup> Gabriela, a inspiradora .....	13
palavras antes das palavras .....	17
<i>Magda Costa Carvalho, Paula Alexandra Vieira</i>	
<b>encontrar.</b>	
(h)à pergunta com a Gabriela: encontros escritos em comunidades com crianças .....	23
Filosofia e Condição Humana .....	31
<i>Carlos E. Pacheco Amaral</i>	
<b>encontrar. a filosofia na infância de um mestrado</b>	
Filosofia para crianças, liberdade e comunidade .....	49
<i>Patricia Hannam</i>	
Cinco Anos: a Liderança Académica e Pedagógica da Universidade dos Açores .....	59
<i>Megan Jane Laverty</i>	
El encuentro con el Mestrado em Filosofia para Crianças: Relato de una experiencia filosófica desde el Sur .....	69
<i>Florencia Inés Sierra</i>	
Presentes no virtual: infâncias em festa .....	83
<i>Susana Marisa Brissos de Matos</i>	

## **encontrar. comunidades no pensar da filosofia**

O papel de um facilitador numa comunidade de investigação filosófica <i>David Kennedy</i>	93
Comunidade de Investigação Filosófica e Escolaridade: em que ponto estamos? ..... <i>David Kennedy</i>	123
Diversidade na Comunidade de Investigação: usando uma lente complexa para compreender e potenciar a diversidade ..... <i>Nadia Stoyanova Kennedy</i>	135
intersubjetividade: um olhar sobre a comunidade de investigação filosófica ..... <i>Paula Alexandra Vieira</i>	147
Reflexividade do <i>Caring Thinking</i> ..... <i>Dina Mendonça</i>	169
Virtudes Intelectuais ..... <i>Rui Sampaio da Silva</i>	201
Álbuns ilustrados e paradoxos: recursos didáticos em Filosofia para Crianças a partir de um ponto de vista wittgensteiniano ..... <i>Florian Franken Figueiredo</i>	217
<i>Estes materiais tornam a filosofia verdadeira porque me ajudam a pensar: voos filosóficos de um conceito no Jardim de Infância</i> ..... <i>Magda Costa Carvalho, Ana Isabel Santos</i>	233
Filosofia da Infância: a insuficiência explicativa de Matthew Lipman <i>Maria Teresa Santos</i>	255

## **encontrar. infâncias nas experiências em comunidade**

Sapatinta: uma escrita que chega como vento ..... 281  
*Andrea Fabiana Quiroga, Edson Eduardo Ramos da Silva, Elsa Cerqueira,  
Fernando Manuel Correia Vieira, Maria Simas, Rosilene Maria Dutra de  
Andrade, Magda Costa Carvalho, Walter Omar Kohan*

Escrevemos... quando? onde? para quê? para quem? por quê? ..... 285  
*Daylane Diniz, Julián Macías, Laurinda Silva, Ricardo Frias, Solange  
Noronha, Susana Matos, Magda Costa Carvalho, Walter Omar Kohan*

El cuidado de sí, ejercicio del pensar en la escuela rural ..... 287  
*Alirio Severo Hernández Buitrago*

Bolhas de sabão e outras histórias: até onde um convite infantil pode  
levar uma professora? ..... 299  
*Edna Olímpia da Cunha*

Filosofâncias de uma escola que junta a filosofia e as crianças:  
brincolandiamos? ..... 315  
*Auxiliadora Santos, Fernando Vieira, Joana Canhão, Paula Alexandra  
Vieira, Silvina Cabral, Constança Lourenço*

Sobre “a partir de”, “partir a loiça” e outras palavras com que nomeamos  
o que fazemos ..... 329  
*Magda Costa Carvalho, Walter Omar Kohan*

## **encontrar. (a)braços com a Gabriela**

Antes de tudo o mais: a vida, a arte e a filosofia ..... 345  
*Júlio Miguel Araújo Sousa*

Obrigada, Gabriela! ..... 377  
*Gabriela Silva*

## FICHA TÉCNICA

**Título:** (a)riscar-se na filosofia, (a)colhendo infâncias: encontros com Gabriela Castro

**Autor:** Vários

**Coordenação:** Magda Costa Carvalho e Paula Alexandra Vieira

**Ilustração:** André Vieira

**Edição:**

© Letras Lavadas edições

maio, 2022

letraslavadas.pt

**Execução Gráfica:** Nova Gráfica, lda.

**Depósito Legal:** 496255/22

**ISBN:** 978-989-735-380-2

**Apoios:**



UAc  
UNIVERSIDADE  
DOS AÇORES



PUBLICOR – Publicações e Publicidade, Lda.  
Rua da Praia dos Santos n.º 10 – S. Roque  
9500-706 Ponta Delgada  
Telefone 296 630 080 | Fax 296 630 089  
E-mail: publicor@publicor.pt | www.publicor.pt

© Todos os direitos reservados. Proibida a reprodução total ou parcial sem autorização expressa do autor e/ou editor.